UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS CURSOS DAS ÁREAS DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA: UMA ANÁLISE DOS DADOS DO ENADE

Jucicarla Cerqueira dos Santos[1]; Sheila Regina dos Santos Pereira[2]; Jaqueline Dourado do Nascimento[3]

1. Bolsista PIBIC/UEFS, Graduando em Bacharelado em Economia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: jucicarlacerq20@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: srspereira@uefs.br
3. Participante do projeto, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Cariri, e-mail: jaqueline.dourado@ufca.edu.br

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Política de ações afirmativas; Ciência e tecnologia.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a oferta da educação alterou-se significativamente a partir dos anos 1990. Houve a universalização do ensino fundamental, o crescimento do ensino médio e, principalmente, do ensino superior. Apesar desse intenso crescimento observado no ensino superior, o percentual de acesso dos jovens é ainda restrito abrangendo somente 19% da faixa etária de 18 a 24 anos (IBGE, 2018). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), o percentual de mulheres negras (10,4%) com ensino superior completo é 2,3 vezes menor que as mulheres brancas (23,5%).

Atualmente, um dos principais desafios do sistema educacional brasileiro é a democratização do acesso ao ensino superior a toda a população. Neste sentido, surge a necessidade de criar medidas que garantam o acesso e a permanência ao ensino superior da parcela da população mais desfavorecida, como por exemplo os negros, indígenas e quilombolas e em particular as mulheres em determinadas áreas do conhecimento, a exemplo da área de ciências e tecnologias. As políticas de ações afirmativas (PAA) são conhecidas como uma forma de democratização ao acesso ao ensino superior e estas demandaram um conjunto de instrumentos destinados a garantir ao acesso e permanência da população negra no ensino superior.

De acordo com o Censo da Educação Superior de 2018 (INEP, 2019), as mulheres representavam cerca de 59,5% do total de indivíduos que concluíram o curso de graduação presencial nas universidades brasileiras. Mesmo sendo maioria no ambiente acadêmico é possível observar que em áreas como ciências exatas, engenharias e tecnologia exista uma dominação masculina o que acaba contribuindo para o crescimento da desigualdade no mercado de trabalho, sendo a composição de mulheres com relação à cor, a seguir: 12,7 % brancas, 8,0% pardas, 1,9% pretas, 0,1% indígena e 0,5% amarela. Estas diferenças evidenciam as desigualdades existentes no Brasil referentes as questões relacionadas a cor, gênero e classe social.

Nesse sentido, há um conjunto de ações das instituições de ensino superior públicas direcionadas a ampliação do acesso e da igualdade de oportunidades (DIAS SOBRINHO,2010), passados quinze anos do processo de implementação da PAA na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) (CONSU, 2006) existe a necessidade de realizar um acompanhamento de como a PAA influenciou no perfil dos estudantes que realizaram o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), principalmente em cursos e áreas que possuem maiores desigualdades. Assim, este trabalho tem como objetivo "descrever o perfil dos estudantes dos cursos de graduação das áreas de ciência e tecnologia da UEFS que realizaram o Enade no período de 2014 a 2019, em especial as mulheres negras".

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho de abordagem quantitativa, com a utilização de dados secundários oriundos da base de dados do Enade do Inep, em que contém informações sobre a vida acadêmica do estudante e o seu desempenho nas provas de conhecimento específico e conhecimento geral dos cursos de graduação. A base refere-se aos dados contidos no questionário do Estudante participantes do Enade nos ciclos avaliativos de 2014, 2017 e 2019, que envolveram os cursos das áreas de ciências e tecnologias, vale destacar que no ciclo de 2019, só foram analisados os cursos de engenharias, visto que neste ano não foram incluídos os demais cursos da referida área. Os bancos de dados estão disponibilizados no site oficial do Inep. O questionário do estudante composto por 68 itens, referentes as características pessoais do estudante, situação econômica da família, escolaridade dos pais, vida acadêmica e a satisfação do estudante com o curso de graduação, professor, infraestrutura da universidade (INEP, 2014).

As variáveis utilizadas foram: sexo, idade, raça, tipo de escola que estudou o ensino médio, escolaridade do pai, escolaridade da mãe, participação em políticas públicas e curso. Para a análise dos dados foi realizada exploratória que oportunizou conhecer e traçar o perfil dos estudantes dos cursos das áreas de ciências e tecnologias da UEFS que realizaram o Enade. Também utilizamos o teste de hipótese, considerando uma confiança de 95%, para comparar as proporções entre os grupos analisado. As análises estatísticas foram feitas por meio do software R que é livre e utiliza uma linguagem de programação para gráficos e cálculos estatísticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total foram analisados 751 concluintes dos cursos de graduação na área das ciências e tecnologias e que fizeram o Enade nos anos de 2014 (n=303), 2017 (296) e 2019(152), vale ressaltar que no ano de 2019 apenas os cursos de engenharia foram avaliados. Observa-se que no geral 53,1% dos estudantes são do sexo masculino, e 46,9% do sexo feminino e essa diferença é estatisticamente significativa (p-v<0,003). De acordo com o INEP (2019), ao analisar os dados do Censo da Educação superior no Brasil, o quantitativo de homens que ingressam e se formam nas universidades públicas e privadas nas áreas das ciências exatas é superior quando comparamos com o quantitativo de mulheres.

Ao se analisar se os estudantes ingressaram na UEFS por meio das políticas de cotas, 56,3% se declararam não cotistas e 43,7 % cotistas e essa diferença não é estatisticamente significativa p-v > 0,233) ao nível de 5%. Percebe-se que no decorrer do tempo, a diferença no percentual de concluinte entre os grupos de cotas está diminuído. Ao se observar a raça cor da pele, temos que entre os não cotistas, 52,5% são negros e 27,2% brancos; dentre os estudantes cotistas 65,3% são negros e 10,1% são brancos. Esse resultado pode ser explicado devido ao esforço e o desenvolvimento de diversas ações de permanência que UEFS vem implementando desde 2006 com o início das políticas de

ações afirmativas para tornar o acesso à universidade mais democrática e igualitária (CONSU, 2006).

No geral das mulheres cotistas temos que 19,2% (n=144) são concluintes dos cursos de graduação nas áreas de ciência e tecnologia. 45,1% possuem idade entre 25 e 30 anos e 22,9% estão acima de 35 anos. Em relação a raça/cor da pele 60,4% são negras, 26,4% amarelas, 9,7% brancas e 1,4% indígenas. 95,8% cursaram o Ensino Médio em escolas públicas, 67,4% tem renda familiar de até 3 salários mínimos e apenas 3,5% têm renda superior a 6 salários mínimos. Em relação a escolaridades dos pais, 59,0% têm pai com escolaridade até o ensino fundamental e apenas 4,5% têm pai com nível superior ou pós-graduação; 44,4% têm mães que concluíram o Ensino Médio e 12,5% tem mãe com nível superior ou pós-graduação.

O total de mulheres não cotistas concluintes foi 27,7% (n=208), das quais 43,3% tem idades entre 25 e 30 anos e 14,4% tem idades acima de 35 anos. Em relação a raça/cor da pele 50% são negras, 29,3% brancas e 18,8% são amarelas. 63,5% cursaram o Ensino Médio em escolas particular e 36,5% em escolas públicas; 40,9% tem renda familiar de até 3 salários mínimos e 25% tem renda familiar acima de 6 salários mínimos. Em relação a escolaridade dos pais, 45,2% tem pai com Ensino Médio completo e 24,5% com nível superior ou pós graduação. 48.1% das mães tem Ensino Médio e 31,7% tem Ensino Superior.

O perfil socioeconômico e demográfico das mulheres cotistas difere quando comparamos com o perfil dos demais grupos, principalmente ao da mulher não cotista. A maior diferença é em relação a renda da família e escolaridade dos pais. A renda familiar das mulheres cotistas é muito inferior ao comparar com as mulheres não cotistas e essa diferença é de 26,5 pontos percentuais. Os pais das mulheres não cotistas tiveram em maior proporção acesso ao Ensino Superior. Diferenças semelhantes foram encontradas ao comparar o perfil das mulheres negras e brancas.

Tabela 1- Distribuição percentual dos estudantes nos cursos de graduação da área das ciências e tecnologias da UEFS segundo sexo e participação em políticas públicas, 2014, 2017 e 2019.

	Sexo/política pública									
	Feminino- Não cotista		Feminino - Cotista		Masculino - Não cotista		Masculino - Cotista		Total	
Curso	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Matemática	15	7,2	16	11,1	31	14,4	20	10,87	82	10,9
Física	15	7,2	8	5,6	14	6,5	5	2,72	42	5,6
Química	3	1,4	3	2,1	6	2,8	5	2,72	17	2,3
Geografia	38	18,3	23	16,0	52	24,2	68	36,96	181	24,1
Engenharia da Computação	37	17,8	18	12,5	27	12,6	22	11,96	104	13,8
Engenharia Civil	73	35,1	59	41,0	48	22,3	48	26,09	228	30,4
Engenharia de alimentos	27	13,0	17	11,8	37	17,2	16	8,70	97	12,9
Total	208	100,00	144	100,0	215	100,00	184	100,00	751	100,0

Fonte: Elaborados a partir dos dados do Enade, período 2014, 2017 e 2019 (INEP, 2019).

Conforme a Tabela 1, em relação aos cursos as mulheres estão mais presentes nos cursos de Engenharia Civil e Geografia. No geral, era esperado maior representatividade feminina nos cursos mais voltados ao cuidado, como engenharia de alimentos, química e matemática. No estudo de Nascimento (2017), com mulheres em cursos de engenharias da UFBA os achados diferem ao encontrado nesta pesquisa, há uma menor presença de mulheres e mulheres cotistas na Engenharia Elétrica, chegando em alguns anos 2005 e 2006 ser ausente a presença destas últimas. Para os estudantes analisados, esse resultado indica uma equidade de gênero na conclusão do curso de graduação. Resultados semelhantes foram encontrados ao analisar os cursos das mulheres negras. Para Lombardi (2008), desde o final do século XX, há uma tendência de modificação do perfil de acesso de mulheres em áreas com sub-representação, a exemplo das engenharias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi possível observar uma mudança no perfil dos estudantes concluintes que realizaram o Enade oriundos da UEFS. Percebe-se um aumento no percentual de estudantes cotistas e principalmente de mulheres negras cotistas. Com relação a escolaridade dos pais há um maior percentual com Ensino Médio e Ensino Superior completo entre os cotistas, algo que é diferente do que consta na literatura sobre a temática, o que demanda de novos aprofundamentos. Outro aspecto que chama atenção é o acesso de mais mulheres cotistas e mulheres negras no curso de Engenharia Elétrica, estes achados demandam novas análises buscando compreender essas diferenças, inclusive com a comparação de ingressantes e concluintes. Observa-se que essa modificação tende a ter influência das políticas de ações afirmativas da UEFS, o que contribui para as análises do alcance de determinados grupos que se encontram sub-representados nos espaços universitários.

REFERÊNCIAS

CONSELHO UNIVERSITÁRIO (CONSU) da Universidade Estadual de Feira de Santana. RESOLUÇÃO Nº 034/2006. Estabelece reserva de vagas para os cursos de graduação da UEFS, para grupos historicamente excluídos, realizada através do processo seletivo de acesso ao ensino superior. Disponível em: http://www.propaae.uefs.br/arquivos/File/Documentos/resolucao_consu_34_2006.pdf. Acesso em: 18 fev. 2020.

DIAS SOBRINHO, José. Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão. ***Educ. Soc.*** [online]. 2010, v.31, n.113, p.1223-1245. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/dFtMDqfdWm75WSc5vKXHCtq/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 10 abr.2018.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. **Sinopse do censo da educação superior 2018**. Notas estatística. Brasília – DF: Inep/MEC, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: educação: 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101657_informativo.pdf. Acesso em: 13 fev. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Estatística de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Coordenação de população e indicadores sociais. ISBN: 978852404448, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101551. Acesso em: 13 fev. 2020.

LOMBARDI, Maria Rosa. As mulheres, a expansão e a especialização do sistema de ensino de engenharia no Brasil em anos recentes: algumas considerações. In: RISTOFF, Dilvo. et al**. Simpósio Gênero e Indicadores da Educação Superior Brasileira**. Brasília-DF, 6 e 7 de dezembro de 2007. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. Disponível em:http://www.publicacoes.inep.gov.br/portal/download/681>. Acesso em: 24 set. 2015.

NASCIMENTO, Jaqueline Dourado do. Mulheres nos cursos de engenharia da UFBA: Um estudo sobre o acesso e desempenho. 2017. 269 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós -graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24257>. Acesso em: 10 fev. 2018.